

ESCRITORES DA AMAZÔNIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE BREVES: QUESTIONAMENTOS E REFLEXÕES

Mara Sâmiris Assis de VASCONCELOS¹

RESUMO

Este trabalho surgiu da nossa insatisfação com a ausência de autores da Amazônia nas aulas de literatura do Ensino Médio. Em geral, o que se percebe é que nos livros didáticos adotados pelas escolas públicas do nosso município nada se fala sobre tais autores. Para tanto, além da observação do material didático adotado pelas escolas Elizete Nunes, Gerson Peres e Santo Agostinho, é necessário conhecermos a prática de sala de aula de professores da rede pública na cidade de Breves-Pará, por meio de conversas e entrevistas com questionários. Sendo assim, este trabalho se deu de forma exploratória em pesquisa bibliográfica e de campo, com análise qualitativa dos dados coletados (GIL, 2002). Vislumbra-se, com isso, averiguar, sobretudo, o espaço que a literatura de expressão amazônica dispõe em suas aulas. Nosso trabalho encontra respaldo nos pressupostos de Vera Teixeira de Aguiar (2000) e Rildo Cosson (2014), que acreditam que a literatura tem papel humanizador e que vai além do processo de leitura e escrita, mas também funciona como processo para formar culturalmente o indivíduo. A escolha por literatura amazônica vem da ideia de que o processo de leitura funciona melhor quando o aluno se identifica com o texto no espaço no qual está culturalmente inserido.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Amazônia. Letramento literário.

WRITERS OF THE AMAZON IN THE PUBLIC SCHOOLS OF BREVES: QUESTIONS AND REFLECTIONS.

ABSTRACT

This work arose from our dissatisfaction with the lack of authors of the Amazon in high school literature classes. In general, what we see is that in the textbooks adopted by public schools in our county nothing said about such authors. Therefore, in addition to the observation of teaching materials adopted by schools Elizete Nunes, Gerson Peres and Santo Agostinho, it is necessary to know the practice of classroom some public school teachers in the city of Breves, Pará, through conversations and interviews with questionnaires. Thus, this work has an exploratory way in literature and field research with qualitative data analysis (GIL, 2002). In sight, with it, find out above all the space that literature Amazon expression has in their classes. Our work is supported by the assumptions of Vera Teixeira de Aguiar (2000) and Rildo Cosson (2014), who believe that literature has humanizing role and that goes beyond the process of reading and writing, but also works as a process for culturally form the individual. The choice of Amazonian literature comes from the idea that the reading process works best when the students can identifies themselves with the text in the space that they are culturally inserted.

KEYWORDS: Literature. Amazon. Literary literacy.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasceu de nossa insatisfação com as aulas de literatura no Ensino Médio, nas quais nada, ou quase nada, se aprende sobre os escritores da região amazônica. A partir desta constatação, decidimos fazer breve incursão pelo livro didático adotado para as três séries do nível em questão, com o intuito de observarmos o espaço destinado aos escritores da região em questão.

Com base nos resultados de nossa incursão, que chegam a ser desalentadores, diga-se a verdade, decidimos investigar, por meio da aplicação de questionários a oito professores de três

¹ Graduada em Letras/Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves. VASCONCELOS, Mara Sâmiris Assis de. Escritores da Amazônia nas escolas públicas de Breves: questionamentos e reflexões. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

escolas públicas do município de Breves. Nosso objetivo é problematizar o ensino da literatura, com base no material didático adotado nas escolas estaduais de Breves e em entrevistas desenvolvidas com docentes.

Nossa abordagem encontra respaldo nos pressupostos de Vera Teixeira de Aguiar (2000, p.16), para quem “a formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra”. Para a estudiosa, “Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito” (AGUIAR, 2000, p. 16). Também encontramos respaldo em Rildo Cosson, para quem, “na leitura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos” (COSSON, 2014, p.17).

A prática de leitura torna-se algo mais prazeroso quando o leitor consegue se identificar com o texto e o contexto da leitura, quando consegue identificar traços de seus costumes, língua e o espaço onde está culturalmente inserido. Estamos ancorados ainda nos pressupostos de Antônio Cândido, que fala sobre a “quota de humanidade” que a leitura de obras literárias desenvolve no leitor, tornando aberto para a sua comunidade.

1 ALGUMAS PALAVRAS SOBRE LEITOR, LEITURA E LITERATURA

1.1 Letramento Literário

Atualmente muito se tem falado sobre letramento literário. Mas o que vem a ser esse termo? Para Rildo Cosson (2014), letramento literário é um processo que vai além de se trabalhar com textos literários, é oportunizar o uso social da escrita, em uma dimensão diferenciada que só os textos literários possuem e assim garantir o seu domínio em qualquer processo de letramento, seja na escola ou na sociedade. Para o autor é importante que se forme uma comunidade de leitores que ultrapassem os muros da escola, leitores que reconheçam a sociedade em que vivem.

Diante de um mundo globalizado, saber interagir com o meio social em que vivemos é de fundamental importância. O letramento literário facilita a interação entre o aluno e o mundo, ou seja, o ensino de literatura constitui-se como algo relevante para o aluno, algo por meio do qual ele pode descobrir o que há de melhor em si e na comunidade da qual participa, seja ela escolar ou social e, assim, criar laços culturais com o meio em que vive.

Considerando o exposto, acreditamos que o estudo de obras literárias de autores da região amazônica permite ao aluno conhecer melhor a história de sua região, seus costumes e crenças e tornar-se mais responsável pelo sua comunidade, por meio dos laços culturais acima referidos. Isto será possível se considerarmos que os autores amazônicos, na maioria das vezes, retratam elementos da realidade circundante do aluno leitor.

VASCONCELOS, Mara Sâmiris Assis de. Escritores da Amazônia nas escolas públicas de Breves: questionamentos e reflexões. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

A partir da leitura de textos literários que contemplam sua região como matéria ficcional, espera-se que o aluno se torne mais crítico em relação ao mundo em que vive, questionando a realidade circundante e não aceitando passivamente tudo o que lhe é imposto através das mídias. Marta Passos Pinheiro (2006, p.7), em análise das práticas de leitura de textos literários, observou que “os alunos devem identificar-se passivamente com os personagens, ficar emocionados com os textos poéticos, tornando-se indivíduos mais sensíveis”. Para ela, a literatura deve ser utilizada com o objetivo de orientar os indivíduos. A autora também acredita que “as leituras realizadas pelos alunos, fora da sala de aula apresentam, em geral, um alto grau de dependência em relação às práticas de leitura escolares” (PINHEIRO, 2006, p.7).

A partir da ideia da autora, reiteramos nosso argumento: ao levar textos literários de autores da região amazônica para o contexto de sala de aula, o professor pode despertar nos alunos o sentimento de responsabilidade com a comunidade escolar e social, principalmente local. A literatura, segundo Antônio Cândido, “[...] trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2011, p. 178). Por humanização, o crítico entende

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2011, p. 182).

Acreditamos que o contato com autores de expressão amazônica possa desenvolver no aluno a “quota de humanidade”, tornando-o aberto para os problemas de sua sociedade e de seus semelhantes.

1.2 Escolarização da Literatura

Os estudos sobre letramento literário estão vinculados, na maioria das vezes, ao espaço escolar devido, de acordo com Begma Tavares Barbosa (2011), ser justamente esse espaço o principal responsável pelo contato dos alunos com as obras literárias. Para Eliane Andrea Bender (2006), na escola a literatura tem função pedagogizante, não somente por suas características particulares como períodos históricos, vocabulário diferenciado, etc., mas também devido ao meio na qual é inserida. Na escola, sobretudo nas aulas de literatura, deve ser considerado o fato de que cada leitor já possui conhecimentos prévios e experiência de leitura e vida, seja ela escolar ou social.

Ivanda Martins (2006) ressalta que no processo de leitura deve-se levar em consideração que muitos dos alunos estão em contato com a obra a ser lida pela primeira vez, ao passo que o VASCONCELOS, Mara Sâmiris Assis de. Escritores da Amazônia nas escolas públicas de Breves: questionamentos e reflexões. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

professor já leu o texto mais de uma vez e possui saberes linguísticos, contextuais, conhecimentos teóricos e críticos acerca do texto, bem como leitura de outras obras literárias.

Acreditamos que para que a prática de leitura de literatura seja de fato eficaz na escola, “o professor deve estar instrumentalizado didaticamente, com o conhecimento e problematização da Teoria da Literatura, para que seja um bom mediador entre o texto literário e os alunos” (PINHEIRO, 2006, p.51). Um texto pode ser lido sob diferentes formas interpretativas, cabendo ao professor analisar e apontar os melhores caminhos para o aluno seguir na leitura. O docente, no entanto, não deve se comportar como “o dono da verdade”, afirmando coisas que considera certo ou errado.

Ainda sobre o papel de mediador que o professor deve exercer, Annie Rouxel (2013) acredita que encorajar a leitura subjetiva dos alunos é um fator positivo, embora seja conveniente ensiná-los a evitar a subjetividade desenfreada. Essa liberdade de subjetividade deve ser ensinada em sala de aula, explicando ao aluno que cada um tem uma maneira de interpretação. Contudo, tais interpretações não podem ser “fontes de delírio interpretativo”, como a autora escreve, ou seja, não podem ser muito além do limite que a obra permite.

Vicente Ataíde (2002, p.14) acredita que “a atividade de leitura dá aos alunos elementos linguísticos indispensáveis para um desempenho linguístico satisfatório”, e literatura é ler! O autor também acredita que o aluno, ao ler uma obra literária em sala de aula, tem todo direito de questionar sobre a estrutura da obra, sobre os elementos característicos do contexto e sobre a ideologia da obra, e também tem todo direito de questionar sobre pontuação, ortografia, conjugação de verbos e o que mais lhe surgir de dúvida, pois ao falar ou escrever, ele usará o conhecimento adquirido ao mesmo tempo. Logo, podemos concluir que estudar gramática separada de literatura é pouco eficaz.

A literatura é uma boa aliada à produção textual escrita. De acordo com Rouxel (2013), algumas experiências de leitura vivenciadas pelos alunos/leitores são memorizadas internamente, sendo expostas atividades escritas. Ora, se uma experiência de leitura é memorizada e exposta de forma escrita, uma experiência de vida também pode ser (e até mais facilmente) exposta em forma de escrita, pois aqui o autor do texto escreverá sobre algo vivenciado por ele.

Pensando nas observações de Rouxel (2013) e seguindo o estudo proposto neste trabalho, se esse leitor/autor tem acesso a textos literários que se aproximem de sua vida escolar ou social, o processo de criação textual se torna mais fácil. A respeito disso, Aguiar (2000) acredita que

a formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito (AGUIAR, 2000, p.16).

Ainda para Aguiar (2013 p.154) “ler é apropriar-se de um produto cultural, gerado intencionalmente por um ou mais autores inseridos em determinada comunidade”. Encontramos na observação acima, uma forte justificativa para se trabalhar autores de expressão amazônica na sala de aula. Partilhamos da ideia de que, a partir da identificação do aluno com o texto, desenvolva-se a “quota de humanidade” da qual fala Antônio Candido, e o discente torne-se aberto para sua comunidade.

Observamos que há certa resistência em ler e estudar literatura a escola, tanto por parte dos discentes como por parte dos docentes, Barbosa (2011) acredita que

muitos professores parecem “curvar-se” a essa resistência, ou porque convencidos de que ler literatura é mesmo difícil para os alunos, ou porque acomodados a um modelo pragmático que tem permitido “saber sobre” literatura sem “ler” literatura (BARBOSA, 2011 p.2).

Para Ivanda Martins (2006), tais resistências podem também estar ligadas ao fato do aluno no ensino médio possuir pouca experiência de leitura, talvez herança do nível fundamental, e também ao fato da seleção de obras escolhidas pelo professor para serem trabalhadas não levar em consideração o público-leitor.

Cumpramos ressaltar que texto literário não pode ser usado como pretexto para se trabalhar regras gramaticais. Segundo Beach & Marshall (1991) *apud* Martins (2006), a leitura de literatura deve estar relacionada com a compreensão textual e o ensino de literatura deve ser o estudo da obra literária em si, sendo que a leitura de literatura e ensino de literatura não podem ser trabalhados separadamente. Ao ler o texto e compreendê-lo o aluno deve ter instrumentos que o possibilite entender como a obra está organizada esteticamente.

Cosson (2014, p.10) usa o termo “apêndice da Língua Portuguesa” para retratar como a literatura é tratada no Ensino Médio. Tanto é vista sobre esse aspecto, que só há uma única aula de literatura na semana e, muitas vezes, nos últimos horários, quando o aluno já está cansado e pouca importância vai dar ao que o professor estiver abordando.

1.3 A escola e a formação de leitor

Vimos mostrando neste trabalho que o ensino de literatura tem papel fundamental na formação do leitor. Através do texto literário o leitor tem acesso aos mais variados lugares, culturas, línguas, costumes etc., podendo, a partir desse contato, identificar-se com o que está lendo e relacionar com a comunidade em que vive.

Contudo, Vicente Ataíde (2000, p. 18) afirma que “a escola brasileira sempre foi conservadora, jamais um instrumento de libertação”, ou seja, culturalmente a escola não proporciona aos alunos a oportunidade de questionar o mundo, pois sempre agiu de forma a excluir

qualquer pensamento de liberdade e espírito crítico que o aluno viesse a desenvolver, principalmente por meio da leitura.

Pinheiro (2006, p.7) mostra que “as possibilidades de realização de leituras autônomas pelos alunos são influenciadas pelas possibilidades de acesso a livros”, ou seja, está diretamente relacionado ao acervo da biblioteca ao qual o discente recorre para escolher a leitura que lhe apetece. A autora acredita que, se por um lado, a biblioteca propicia o acesso às leituras, por outro, tem o poder de controlá-las, disponibilizando apenas o que lhe convém, formando, assim, leitores de acordo com os interesses da instituição.

Sobre as escolhas literárias da escola, Martins (2006) nos mostra que

A visão da escola sobre literatura difere consideravelmente da noção que o aluno-leitor tem acerca do literário. É preciso repensar os julgamentos de valor disseminados pelas instituições que abordam a literatura sob prismas distintos [...], quando consideramos que cabe ao leitor construir seu próprio “canon literário”, valorizando seu repertório de leituras (MARTINS, 2006 p.86).

Ao defender a necessidade de se estudar obras de autores de nossa região, não estamos desmerecendo os autores canônicos de nossa literatura. Acreditamos na importância do estudo de suas obras, contudo, estes autores não devem ser os únicos objetos de ensino na escola. A instituição e o docente devem colocar à disposição do aluno os mais variados autores e textos, cabendo ao ele escolher o que melhor lhe convém ler.

Sabemos que a maioria dos livros disponibilizados nas bibliotecas das escolas públicas, são doações do governo, o qual pouco disponibiliza de material sobre os nossos autores regionais, valorizando os cânones brasileiros e portugueses, na maioria das vezes. Em pesquisa realizada nas escolas do município de Breves, constatamos esta realidade: há espaço para os autores de expressão amazônica, mas relativamente menor do que o necessário.

2 EM BUSCA DA LITERATURA ESQUECIDA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO

O Livro Didático, doravante LD, é um material pedagógico de apoio ao professor em suas aulas. Geralmente o LD é escolhido pelos docentes de cada disciplina antes do período letivo. Tal material é indispensável quando se pensa em praticidade nas aulas, sobretudo as de literatura, pois em posse do livro evita-se que o aluno gaste muito tempo escrevendo (BENDER, 2007). Cumpre ressaltar que LD não pode ser usado pelo professor como único material pedagógico e sim como um suporte para as suas aulas, uma espécie de guia.

Muitas são as críticas feitas por profissionais da área acerca do LD, porém o seu uso não é dispensado por nenhuma escola. De acordo com Bender (2007)

Seu uso constante prova que possui utilidade, mesmo talvez sem ter qualidade. Seu conteúdo fica em segundo plano frente à facilidade que traz para a ação pedagógica em sala de aula. [...] mas o material é criticado e não descartado (BENDER, 2007, p.35).

Percebemos com esta afirmativa que o LD não é necessariamente um vilão, desde que usado corretamente. Como mencionado, o professor não pode ter o LD como único material pedagógico, devendo buscar apoio em outros materiais de modo a tornar suas aulas mais atrativas e produtivas.

Vemos assim a importância do LD não só para guiar as aulas dos professores, mas como peça fundamental para a leitura do aluno dentro e fora do ambiente escolar. Portanto, se o LD não supre a necessidade de autores próximos ao cotidiano do aluno, dificilmente ele terá conhecimento dessas obras, que julgamos ser importante na sua formação quanto leitor e em sua formação social e pessoal.

Apresentaremos considerações feitas nos LD de literatura utilizados no ano de 2015 por uma das escolas de ensino médio do município de Breves, observando seus conteúdos e se o LD possibilita de alguma maneira ao professor o ensino com a nossa literatura regional.

Os livros utilizados para esta breve análise são: “*Português: língua e cultura: língua portuguesa*”, 1º, 2º e 3º ano: ensino médio de Carlos Alberto Faraco, Curitiba, PR, Base Editorial, 2013. O autor é professor de Língua Portuguesa no ensino médio e na Universidade Federal do Paraná (UFPR), especialista em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Doutor em Linguística pela Universidade de Salford (Grã-Bretanha²). O LD é válido para os anos de 2015 a 2017.

Logo pelo título e pela descrição percebemos que não se trata de um livro específico para literatura, a qual aparece como “apêndice”, lembrando aqui a expressão de Rildo Cosson (2014). Ao iniciar os capítulos destinados a Literatura, no livro do 1º ano o autor faz uma pequena introdução explicando a importância de se estudar esta manifestação artística, alegando que ela

acompanhou e acompanha o desenvolvimento da sociedade brasileira e vai participando da construção das formas como nos representamos como povo, como país, como sociedade. Desse modo, a literatura participa diretamente do complexo processo pelo qual nós, brasileiros, atribuímos sentido à nossa experiência histórica, social e individual. A literatura é, portanto, componente do complexo de manifestações que compõem a cultura de uma sociedade qualquer (FARACO, 2013, p.89).

O autor conclui a introdução explicando que no livro 1 e 2 será estudado a história literária brasileira e no livro 3 será abordado brevemente a literatura portuguesa, para possibilitar ao aluno

² Informações retiradas do LD elaborado pelo autor em questão.

VASCONCELOS, Mara Sâmiris Assis de. Escritores da Amazônia nas escolas públicas de Breves: questionamentos e reflexões. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

ter conhecimento dos principais autores e dos “momentos mais significativos da história cultural do Ocidente, da qual a cultura brasileira é parte” (FARACO, 2013, p.89).

Contudo, o que se observa é que ao falar sobre história da literatura brasileira dentro do conteúdo do LD, o autor não menciona nada que seja relacionado com a Amazônia, limitando-se em descrever os fatos históricos ocorridos principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

O que pudemos observar é que o LD não dá espaço para que o aluno comente o que já leu, para que mostre se conhece outros autores dos movimentos literários estudados e tampouco deixa que o discente faça uma análise mais subjetiva, pois as perguntas ou são direcionadas somente ao texto ou sobre as características do movimento literário estudado. Nas referências do LD também não foi encontrado nenhum autor amazônico.

Com estas observações, podemos afirmar que o LD utilizado pela escola não supre a necessidade de estudar autores de expressão amazônica em sala de aula, pois como foi visto, o material didático em questão privilegia autores cânones das regiões Sul e Sudeste, bem como os de Portugal. O estudo destes autores fica a critério dos professores, pois como vimos o LD não faz referência a nenhum autor amazônico.

O curioso é que o autor sugere conhecimento da história da sociedade brasileira, da cultura brasileira através da literatura, porém este conhecimento se limita apenas as regiões Sul e Sudeste e mencionando apenas os cânones da nossa literatura, como Machado de Assis, José de Alencar, Gonçalves Dias, Castro Alves, Álvares de Azevedo entre outros.

Na unidade reservada ao “regionalismo”, observamos que o LD aborda somente autores do Nordeste do país, não mencionando nada sobre a região Norte. Em virtude desta ausência, houve interesse em saber como os professores das escolas de nível médio em Breves se comportam diante da questão.

3 DIALOGANDO COM OS DOCENTES ACERCA DE ENSINO E LITERATURA

Para a pesquisa de campo escolhemos previamente 3 (três) escolas públicas de ensino médio do município de Breves, que são elas: E.E.E.M Gerson Peres (GP), E.E.E.M Professora Maria Elizete Fona Nunes (EN) e Colégio Santo Agostinho (CSA).

Para este estudo, optamos por pesquisa exploratória documental, procurando teóricos que respaldam nosso trabalho, e de campo, pois nosso objetivo é entender como se dá o ensino de literatura de expressão amazônica nas escolas de ensino médio na cidade de Breves, Pará. E de acordo com Antônio Gil (2002)

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (GIL, 2002, p.41).

A análise dos dados coletados por meio de questionário será de forma qualitativa, visando de maneira que categorizamos os dados coletados e expusemos nossa interpretação. A entrevista foi realizada por meio de conversa informal com os professores e com questionário.

Dentre as instituições selecionadas observamos que na GP há a disciplina de literatura apenas no 1º e no 3º ano, sendo que no 2º ano a disciplina de Língua Portuguesa (LP) divide-se em LP I, que aborda mais a parte gramatical da língua, e LP II, onde se trabalha leitura, produção e interpretação textual e, que de acordo com o relato dos professores, a literatura tem um espaço.

Na escola EN, só há a disciplina de Literatura no 1º ano. No restante do ensino médio há somente as disciplinas de LP I e LP II, organizada da mesma forma que na escola GP. No CSA também há a disciplina de Literatura nos 1º e 3º anos, sendo que nos 2º anos trabalha-se literatura na disciplina de LPII, pois a escola também divide a disciplina no 2º ano em LP I e LP II, igualmente as outras escolas citadas.

Ao responderem o questionamento de número 1³ percebemos que, de fato, os autores amazônicos são pouco trabalhados em sala de aula, pois as escolas privilegiam o conteúdo abordado pelo Enem. Constatamos essa afirmação quando um dos docentes da escola GP afirma que estes autores são “[...] comentados, orientados para a leitura, mas estudá-los são poucos. Os conteúdos são voltados para o Enem, logo, são deixados de lado” (COLABORADOR 1). Podemos confirmar esta ideia com a afirmação de um professor do CSA, quando alega que “gostaria de fazer um trabalho melhor, mas depende muito também do planejamento e muitas vezes é voltado para o Enem” (COLABORADOR 8).

Ao surgir o “Enem” na pesquisa, decidimos estudar a Matriz de Referência de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do Enem, que é distribuída em nove competências, observamos que, de acordo com a competência de área 5, que diz respeito a essa área, os alunos devem

Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H15 - Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

H16 - Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

³ Que espaço os autores de literatura amazônica dispõem em suas aulas, levando em consideração que o professor de Língua Portuguesa é responsável não somente pelo conteúdo programático de gramática, como também de produção de texto e de literatura?

H17 - Reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional (BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, p. 3).

Esta é a área em que se trata sobre o conteúdo de literatura nas provas do Enem. Todavia, não abrange nada que se relacione com o estudo de autores locais dos estudantes, por se tratar de uma prova com a tentativa de ser avaliadora de conhecimentos dos alunos do Brasil inteiro. Por ter esta finalidade, o Enem não leva em consideração as especificidades da educação de cada região brasileira, ou seja, não faz analogia a nenhum autor local, priorizando os cânones da literatura nacional e portuguesa.

Abordamos Enem para tratarmos sobre nosso tema de uma forma mais geral, contudo, no nosso estado as coisas não são muito diferentes. Em análise feita da Proposta Curricular Unificada (PCU) disponibilizada pela 13ª Unidade Regional de Ensino (URE) para todas as escolas de nível médio do município de Breves, notamos que, mesmo que façamos parte de uma boa totalidade da Amazônia, o documento não faz referência a um conteúdo programático de literatura, nem de expressão nacional e tampouco de expressão amazônica, como podemos perceber neste trecho retirado da proposta

A organização do currículo segue a orientação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, que indica um currículo por área de conhecimento, a saber:

Linguagens;
Matemática;
Ciências da Natureza;
Ciências Humanas.

A área de linguagens compreende as seguintes disciplinas: Arte, Educação Física, Língua Estrangeira (Inglês e Espanhol) e Língua Portuguesa (PARÁ, PCU, p. 27).

A ementa da PCU, bem como a matriz curricular para os 3 níveis de ensino médio, não abordam o estudo de literatura. Tal ausência de conteúdo programático proveniente da URE, bem como da SEDUC-PA (Secretaria de Educação, Pará) é confirmada quando um professor alega que

Infelizmente a literatura amazônica ainda encontra-se em segundo plano no processo de ensino-aprendizagem das turmas de ensino médio. O currículo escolar das escolas de ensino médio não contempla em sua estrutura autores e obras amazônicas, ficando sob a responsabilidade do professor de LP fazer os links com essa Literatura quando julgar necessário no desenvolvimento das atividades em sala de aula [...] (COLABORADOR 2).

Assim como não há conteúdo de literatura, a SEDUC também não disponibiliza nenhum tipo de material pedagógico sobre literatura regional para que os professores usem em suas aulas.

Diante da pergunta número 3,⁴ a resposta foi unanimemente negativa. Para confirmar, citamos um colaborador de cada escola, GP, EN e CSA respectivamente:

A SEDUC não disponibiliza nenhum tipo de material de apoio que faça referência à literatura amazônica. Quando existe a necessidade de trabalhar com essa literatura, recorremos aos materiais que adquirimos com recursos próprios e também à internet (COLABORADOR 2).

O professor, quando tem interesse em trabalhar autores de expressão amazônica, tem que retirar uma parte de seu salário para montar seu acervo pessoal. A internet, que deveria ser uma aliada, nesse caso, pouco ajuda, visto que além da conectividade na nossa região não ser boa, os textos desses autores não é disponibilizado em domínio público, dificultando assim o acesso dos professores a esse material.

Diante da realidade, um bom aliado seria o LD, mas em observações feitas nos livros adotados pela escola, já constatamos que não há espaço para esses autores amazônicos. O livro os deixa “a margem” dos conteúdos disponíveis para o ensino de Literatura. Na continuação de nossa pesquisa, ao tratarmos sobre o uso do LD pelos professores, na pergunta de número 2,⁵ obtivemos como respostas que “Os livros didáticos adotados pela escola não contemplam obras de autores amazônicos. Essa é uma necessidade histórica e uma carência recorrente em nossa realidade” (COLABORADOR 2). Os professores relatam que o LD não supre a necessidade de trabalhar escritores amazônicos, ou seja, o material de mais fácil acesso aos professores e alunos que deveria oferecer suporte, não contribui quando se trata de autores de nossa região Norte.

Diante da facilidade de acesso a todas as informações na palma da mão, a aplicativos de mensagens instantâneas, cada vez mais os costumes vão sendo deixados de lado, esquecidos. Acreditamos que cabe a escola também transmitir esses valores culturais aos alunos. Por meio do questionamento de número 4,⁶ observamos que os docentes acreditam que tal estudo aproxime o leitor da sua cultura local. No que se refere à importância do estudo destes autores para a formação do leitor um dos docentes afirmam também que o trabalho com autores amazônicos aproxima o aluno do seu contexto, pois

Num mundo globalizado, em que tudo fica muito homogeneizado, padronizado, em que o global tende a suplantar o local, é necessário que não percamos a nossa identidade, nossas raízes. Acho que essa é a grande contribuição que os autores amazônicos podem oferecer não apenas na formação do aluno, mas também do professor (COLABORADOR 7).

⁴ A SEDUC disponibiliza algum material específico para o trabalho com a literatura amazônica em sala de aula? Em caso afirmativo, qual tipo de material é oferecido? em caso negativo, a quais meios você recorre para trabalhar com este tipo de literatura?

⁵ Até que ponto o livro didático adotado pela escola contribui para o trabalho com a produção literária de autores da Amazônia?

⁶ Quais contribuições o estudo de obras e de autores amazônicos pode trazer para a formação do aluno enquanto leitor e enquanto cidadão?

Diante do exposto, podemos afirmar então que o trabalho em sala de aula com autores amazônicos contribui favoravelmente para a formação dos leitores, na medida em que se tornam cidadãos conscientes e comprometidos com as questões da sociedade em que vivem.

Com a questão de número 5,⁷ os docentes afirmaram que de acordo com o período literário estudados, eles relacionam os autores nacionais com os amazônicos. Percebemos essa afirmação na fala do docente a seguir:

Em geral eu trabalho com autores amazônicos a partir de seu enquadramento em determinado estilo literário. Por exemplo: na corrente naturalista, eu costumo trabalhar obras do maranhense Aluísio Azevedo e do paraense Inglês de Souza, os mais conhecidos. Entretanto, eu gosto muito de experimentar. Nesse sentido, trago para a sala de aula alguns autores menos conhecidos, como Renato Bandeira, Jorge Paulino, Alfredo Garcia-Bragança, Juracy Siqueira e autores locais, que têm produzido textos muito bons tanto na prosa como no verso. Só para citar alguns: Marluce Moraes, a Dama Negra, que tem um livro de poemas denominado “Faces”; o João Marcelino, que recentemente lançou um livro muito gostoso de ler chamado “Lembro como se fosse amanhã”; o Walterno Câmara; O Ubiraci Tiririca. Também utilizo meus próprios textos, reunidos no volume que eu denominei “Frumento com joio”, livro vencedor do 1º Concurso Literário Nazaré Oliveira, da Secretaria Municipal de Educação, mas que ainda não foi publicado (COLABORADOR 7).

Por meio destas afirmativas, em que pesem as dificuldades apontadas por nós e pelos docentes, vemos que o estudo de autores amazônicos, mesmo que ainda seja de forma acanhada, está acontecendo. O que se deve fazer é incentivar mais este estudo, com parceria entre SEDUC e escola, família e escola, para que assim possamos ficar cada vez mais conhecedores das belezas e das riquezas culturais de nossa região, que é tão linda e tão rica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola contribui com uma parcela significativa para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos, embora não cumpra esse papel de forma eficaz. Cabe a ela mostrar caminhos para que o aluno possa refletir e questionar o mundo que vive fora do ambiente escolar, e a literatura é forte aliada no que diz respeito a formação de leitores mais críticos e comprometidos com a comunidade em que se encontram.

Ao longo deste trabalho expusemos a importância de se trabalhar com o aluno em sala de aula os autores de nossa região amazônica, contudo, constatamos que estes autores não estão sendo abordados nas escolas de forma satisfatória, ou porque as escolas voltam o ensino para o Enem ou porque a própria SEDUC, juntamente com a 13ª URE, não incentiva o ensino de literatura nem de expressão nacional e tampouco de expressão amazônica, cabendo às direções, coordenações e

⁷ Quantos e quais autores de literatura amazônica você costuma trabalhar em suas aulas durante o ano letivo?

VASCONCELOS, Mara Sâmiris Assis de. Escritores da Amazônia nas escolas públicas de Breves: questionamentos e reflexões. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

docentes das escolas a elaboração de conteúdo programático de literatura, quando querem trabalhar tal disciplina.

O LD que é o material pedagógico de mais fácil acesso, também não contribui de forma eficaz quando os docentes demonstram interesse em trabalhar com os autores em foco nesta pesquisa, muito porque o livro é confeccionado na região sudeste-sul do país e privilegia os autores canônicos da literatura brasileira e portuguesa.

O professor não encontra incentivo para trabalhar com tais autores e quando decide voltar seu ensino para estes, retira de seu salário para comprar livros, porque mesmo na internet esse material não é disponibilizado facilmente.

Esperamos que daqui para frente este ensino se volte mais para autores de nossa região, pois só assim teremos cidadãos que conhecem e valorizam sua cultura, que se comprometam com o espaço a sua volta e que não aceitem facilmente o que lhes é imposto pelas mídias.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura** – a formação do leitor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

AGUIAR, Vera Teixeira de. O saldo da leitura. In: DALVI, M. A; REZENDE, N. L; JOVER-FALEIROS, R. (Org.). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 153-161.

ATAIDE, Vicente. **O Ensino de Literatura**. Curitiba: HD Livros Editora, 2002.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

BENDER, Eliane Andrea. **O livro didático de literatura para o ensino médio**. 2006 128p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras). Faculdade de Letras. Rio Grande do Sul: Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2006.

BARBOSA, Begma Tavares. **Letramento literário**: sobre a formação escolar do leitor jovem. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p.145-167 mar./ago. 2011. Disponível em: <www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-06.pdf> Acesso em 12/12/2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Matriz De Referência Enem**. Disponível em (ver site)

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

FARACO, Carlos Alberto. **Português**: língua e cultura: língua portuguesa, 1º ano: ensino médio. 3º ed. Curitiba, PR. Base Editorial, 2013.

FARACO, Carlos Alberto. **Português**: língua e cultura: língua portuguesa, 2º ano: ensino médio. 3º ed. Curitiba, PR. Base Editorial, 2013.

VASCONCELOS, Mara Sâmiris Assis de. Escritores da Amazônia nas escolas públicas de Breves: questionamentos e reflexões. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

FARACO, Carlos Alberto. **Português: língua e cultura: língua portuguesa, 3º ano: ensino médio.** 3º ed. Curitiba, PR. Base Editorial, 2013.

GIL, Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisas.** 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991. Disponível em: < <http://goo.glesafe.com/?q=antonio%20gil%20como%20elaborar%20projetos%20pdf>>

MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (org.); KLEIMAN, Angela B.... [et al] **Português no ensino médio e formação do professor.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 83-102.

PARÁ, Secretaria Estadual de Educação. 13ª Unidade Regional De Educação-Breves. **Proposta Curricular Unificada.** Breves, Pará, 2014, 212 p.

PINHEIRO, Helder. **Reflexões sobre o livro didático de literatura.** In: _____. Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola, 2006.

PINHEIRO, Marta Passos. **Letramento literário na escola:** um estudo de práticas de leitura literária na formação da “comunidade de leitores”. Tese de Doutorado em Educação. (Programa de Pós-Graduação em Educação) Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VCSA-83LR5X/2000000110.pdf?sequence=1>> Acesso em 11/04/2016.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, M. A; REZENDE, N. L; JOVER-FALEIROS, R. (Org.). **Leitura de Literatura na Escola.** São Paulo: Parábola, 2013. p. 17-33.

SILVA, Suely Barros Bernadino da. **Uma reflexão sobre o papel da escola no ensino da leitura.** Revista Eletrônica Aboreé - Publicação da Escola Superior de Artes e Turismo Manaus Edição 03 Nov/2007. ISSN 1980-6930.

VASCONCELOS, Mara Sâmiris Assis de. Escritores da Amazônia nas escolas públicas de Breves: questionamentos e reflexões. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069